

Hannah Arendt: existência mundana e relacionamento entre as gerações humanas

Maria de Fátima Simões Francisco¹

Resumo: Trata-se de retomar no pensamento de Hannah Arendt a centralidade de dois temas. O da existência do homem no mundo – distinta e mesmo oposta a sua existência natural no planeta Terra – e o da condição do inter-relacionamento entre as gerações humanas decorrente daquela existência. Os objetos do trabalho e o artefato humano, com sua qualidade de resistência ao eterno ritmo cílico natural, empresta ao homem a possibilidade de transcender a condição da morte. O artefato humano reveste em Arendt menos importância por sua utilidade para o homem, que por carregar a memória das diferentes gerações que comparecem ao mundo. Tal memória permite a cada geração tomar conhecimento das demais e se reconhecer nelas. Cada uma que chega ao mundo pode realizar o encontro com as demais e desse modo alçar uma existência humana completa.

Palavras Chave: mundo, gerações humanas, inter-relacionamento, memória, existência humana, transcendência, pensamento, tradição.

Abstract: We intend to take the centrality of two questions in the Hannah Arendt's thought. The worldly existence of man – as distinct and opposite to his natural existence in the Earth - and the interrelationship between the human generations, consequence of that existence. The objects of the work and the human artifact, with its quality of resistance to the eternal cyclical natural rhythm, borrow to the man the possibility of transcending the conditions of birth and death. So the human artifact appears in Arendt as less important for its utility to the man than for carrying the memory of the different generations that come to the world. Such a memory allows each generation to know the other ones and recognize itself in them. Each one that arrive to the world can meet the others and so doing raise a complete human existence.

Keywords: world, human generations, interrelationship, memory, human existence, transcendence, thinking, tradition.

Tal como o comprehende Arendt, o mundo, estruturado pelo conjunto de objetos do trabalho que tem a capacidade de durar para além da extensão de uma vida humana, é o cenário onde comparecem gerações humanas completamente distintas, cada uma compostas de homens inteiramente singulares. Esse comparecimento é dotado de duas particularidades. Por um lado, cada geração aparece no mundo, permanece nele por um período limitado e então desaparece. Não esteve sempre aí, nem estará. Visto que o homem não pode ultrapassar as condições sob as quais a vida lhe foi dada na Terra - o nascimento e a morte - o comparecimento das gerações humanas no mundo é necessariamente temporário. Por outro lado, cada uma aí comparece quando as demais, ou não estão mais nele, ou não estão ainda, encontrando apenas com as poucas que lhe são contemporâneas. Assim, o aparecimento das gerações no mundo, ao lado de ser temporário, se dá em sucessão. Esses impedimentos de ordem biológica para a convivência e o inter-relacionamento das gerações são agravados pelo fato da própria singularidade das gerações. Cada uma traz ao mundo um conjunto de homens inteiramente diverso daquele das outras, dotados de perspectivas e preocupações completamente próprias. Não obstante tais impedimentos, as gerações, porque comparecem a um mesmo mundo, estarão sujeitas a uma nova condição em sua existência humana, o inter-relacionamento, isto é a mundanidade. Porque o mundo é sua habitação comum, o cenário comum de seu aparecimento,

¹. Professora da área de Filosofia da Educação da FE-USP. É formada em Filosofia e Ciências Sociais na FFLCH-USP, onde fez ainda mestrado e doutorado em Filosofia. Pesquisa atualmente Rousseau, mas também retoma, por vezes, a leitura e o estudo de Hannah Arendt, que foi seu objeto de pesquisa no mestrado.

estão condicionadas a se inter-relacionarem, a se comunicarem e a se levarem mutuamente em conta. Por virem a um lugar onde outras já estiveram e outras ainda estarão, por partilharem o mesmo mundo com todas as demais, que deverão tomar conhecimento delas. É, portanto, o fato de sua existência mundana que as condiciona à comunicação. Tal vulto assume na filosofia arendtiana esse conceito de mundo, que só podemos estar inteiramente atentos à sua importância se notarmos que não é tanto o fato de serem gerações humanas que condiciona ao seu inter-relacionamento, quanto o fato de serem gerações propriamente mundanas.² A implicação para a existência humana de um artefato humano que sobrevive para além da extensão de uma vida humana, que há pouco referimos, é precisamente essa: o inter-relacionamento das gerações.

Entretanto, a comunicação entre as gerações que o fato da habitação no mundo impõe, somente poderia ser efetivada se fosse possível o ultrapassamento das fronteiras do nascimento e da morte, pois a vida humana assume o aspecto de um boundary affair³, isto é, de um fator limitativo da comunicação. Sabemos, contudo, que em se mantendo as presentes condições de vida na Terra, nenhum homem pode viver além da morte e aquém do nascimento. Como poderia se dar então esse ultrapassamento de fronteiras, condição de possibilidade do inter-relacionamento das gerações? Ora, o próprio mundo que sobrevive às gerações poderá comunicá-las. O artefato humano, que embora não seja eterno tem o poder de perdurar para além das gerações, e, em certo caso, as obras de arte, de sobreviver a muitas delas, pode permitir aos homens esse ultrapassamento de fronteiras.⁴ Temos assim que, o mundo, além de ser um fator condicionante da comunicação entre as gerações humanas, é também um fator de sua possibilidade. O mundo na medida em que possibilita o inter-relacionamento entre os homens de diferentes épocas, torna-o obrigatório para eles, e, inversamente, na medida em que obriga a esse inter-relacionamento, cria as condições de sua possibilidade.

Desde que cada geração vinda ao mundo se dá conta da passagem anterior de outras por ele e da certeira passagem futura de outras tantas, passa a percebê-las como seu passado e seu futuro, isto é, passa a percebê-las como algo lhe diz diretamente respeito, como algo a que está intimamente ligada. Essa geração institui assim um tempo contínuo, pois dotado de passado, presente e futuro. Em contraste ao tempo circular de sua existência natural e de toda a Terra, ela instaura um tempo contínuo, o mais acabado que sua existência propriamente humana pode gerar. A retilinearidade temporal introduzida no mundo pela sucessão de gerações compostas de homens singulares, com trajetórias de vida estritamente lineares, pode então se fazer mais completa quando se diferencia internamente em passado, presente e futuro, isto é, quando se divide em segmentos estreitamente conectados. Quando o tempo retilinear

² Nem sempre Arendt nos diz de que fontes está se valendo. Neste caso, em que toma as gerações humanas como condicionadas ao inter-relacionamento por sua existência mundana, a filosofia que está a inspirar-lhe é a de K. Jaspers. Utilizando a compreensão jaspersiana de existência, ela nos diz: "a própria vida, limitada pelo nascimento e pela morte, é um caso limite [boundary affair], no sentido de que a minha existência mundana sempre força a que eu me dê conta do passado, quando eu ainda não era, e de um futuro, quando não mais serei" (1992, p.144).

³ 1992, p.144.

⁴ O nascimento e a morte são duas condições - ao lado da vida, da mundanidade e da pluralidade - sob as quais o homem existe na Terra. Da mesma maneira que a transcendência estava pressuposta para aquelas outras condições, também o está para as do nascimento e da morte e ocorrerá aos olhos de Arendt, de variadas formas: pelo artefato humano, pelo pensamento e pela tradição. Tudo se passa assim como "uma experiência de 'algo imanente que já oferece um vislumbre de transcendência', e que, quando a ela correspondemos, 'tornarmo-nos a Existenz que potencialmente somos' " (1992, p.144). Os trechos citados por Arendt são de K. Jaspers.

se transforma em tempo contínuo, pode-se dizer que haja, tal como entende Arendt, um tempo propriamente humano. Entretanto, essa temporalidade humana só pode ser instituída se cada geração perceber-se às demais intimamente ligada, isto é, só pode ser instituída se houver o inter-relacionamento entre elas. E, na verdade, um tempo propriamente humano, contínuo e estreitamente conectado em suas partes, é o melhor resultado que a relação entre as gerações pode produzir. Uma vez que esse resultado se produziu, ou seja, uma vez que cada geração se liga a todas as outras, vindouras e passadas, a ponto de se ver com elas formando um tempo contínuo e estreitamente conectado, pode-se dizer que há no mundo uma existência humana no sentido mais pleno da expressão. Em vista disso, podemos dizer que a existência especificamente humana não se plenifica mesmo quando os homens vivem no modo da singularidade e dedicados à ação, mas apenas quando cada geração singular é capaz de se relacionar com todas as demais, a ponto de ver-se compondo com elas uma continuidade temporal e, em consequência, instituindo uma só existência humana na Terra.

Podemos aquilatar a relevância desse tema da comunicação das gerações na filosofia arendtiana, se nos damos conta de que além de concebê-la ocorrendo através do artefato humano, a concebe ainda ocorrendo por outras duas vias. Não apenas o artefato humano figura como um comunicador entre as gerações, mas o pensamento e a tradição são aí também comunicadores. E o que mais claramente percebemos é ser a função comunicativa desses elementos o traço mais destacado por Arendt neles. Vejamos melhor o que adiantamos.

O conjunto de objetos erigido pelo trabalho, por ser dotado de maior permanência no mundo que seus produtores, terá essa sua qualidade própria posta a serviço da presença mais prolongada destes no mundo. Cada geração humana pode alçar uma espécie de imortalidade mundana emprestando aos produtos do trabalho - aqui compreendidos os objetos de uso e as obras de arte - a sua potencial presença imortal no mundo. Porque é característico desses produtos a resistência à corrosão pelo ritmo cíclico natural - seja o de seus usuários, seja o da esfera natural na qual estão incrustados -, eles podem revestir o estatuto de objetos culturais, isto é, de objetos que permanecem no mundo com a função crucial de prestar testemunho da presença outrora nele dos que os produziram. Nenhuma esperança poderia haver de dar-se a conhecer aos homens vindouros, nem estes de conhecer seus antepassados, se o artefato humano não tivesse a capacidade de transcender toda a perecibilidade natural e toda utilidade para abrigar a memória de seus produtores. Tal significa que, para as gerações humanas, esse artefato representa vínculo essencial. Por seu intermédio, cada uma que vem ao mundo pode dar-se conta da passagem prévia de outras, pois que por toda parte encontra vestígios delas, assim como pode deixar o testemunho de sua própria passagem para as que virão. Se os objetos do trabalho perpetuam a presença de seus autores no mundo, tudo se passa como se todas as gerações que nele já estiveram, nele coabitassem. E também como se fossem imortais, como se tivessem ultrapassado a fronteira da morte. Por outro lado, cada geração que a ele chega, é como se adentrasse uma morada não apenas sua, mas de todas as que já estiveram nele, visto que na morada logo se depara em toda parte com a presença delas. Para as gerações que chegam, o artifício humano permite a visitação e conscientização acerca do passado, de cuja memória ele é depositário. Pode-se dizer então que ele lhes permite não apenas o ultrapassamento da fronteira da morte, mas também do nascimento. Dessa forma, os objetos do trabalho mais do que imortalizarem, isto é, privarem da morte, eternizam, isto é, privam da morte e do nascimento.

De tal forma é fundamental esse inter-relacionamento das gerações humanas - modo pelo qual se plenifica a existência do homem na Terra - no interior da filosofia arendtiana, que os objetos do trabalho são nela pensados menos em sua função

utilitária que em sua função cultural. O trabalho pode produzir objetos de uso, mas destina-se, sobretudo, a produzir objetos culturais, isto é, objetos que perpetuem a presença de seus autores no mundo, que sejam depositários da sua memória. Nada obsta a que o artefato humano construído pelo trabalho sirva de lar ao homem e seja por ele utilizado na satisfação de suas necessidades. Contudo, ele não foi erigido primordialmente com essa finalidade, qual seja, a de ser desgastado no contato com o processo vital de seus usuários, e sim foi primordialmente erigido para durar e assim compor um mundo que sobreviva às gerações humanas e lhes sirva de elo de ligação.⁵ Por um lado, a finalidade em vista da qual o trabalho produz objetos de grande permanência no mundo é o empréstimo dessa permanência ao homem, fazendo-o desta maneira imortal. Por outro lado, é a ânsia de imortalidade mundana, isto é, a ânsia de permanecer para sempre neste mundo entre seus pósteros, que faz com que o homem seja levado a criar uma esfera pública ou política, esfera essa que se destina a sediar a ação, por sua vez a única atividade humana que permite a completa singularização e a composição de estórias de vida que possam ser transmitidas aos pósteros e prestar testemunho da presença outrora no mundo de seus protagonistas. Então, concluiremos que o trabalho, por cooperar na consecução da imortalidade, tem um significado fortemente político, no modo como concebe o Arendt. O labor, por sua vez, na medida em que produz objetos não destinados à durabilidade e permanência mundana, mas ao consumo, satisfação das necessidades vitais e retorno ao perpétuo ciclo natural, é desprovido de qualquer relevância política. Vê-se claramente figurar o trabalho em posição colaboradora para com a ação.

De nada valeria, entretanto, que o artefato humano tivesse a potencialidade de acolher e transmitir a memória dos homens do presente aos vindouros, se estes últimos não dispusessem da potencialidade, correlata àquela, de visitar essa memória, isto é, de transcender o seu nascimento na direção do passado. Da mesma maneira, de nada valeria que esse artefato pusesse à disposição dos homens do presente a possibilidade de terem a sua memória conhecida no futuro, se eles não dispusessem igualmente da

⁵ É um objeto cultural aquele "cuja excelência é medida por sua capacidade de suportar o processo vital e de se tornarem pertences permanentes do mundo" (1972, p.258), "sua durabilidade é o contrário mesmo da funcionalidade, que é a qualidade que faz com que ele novamente desapareça do mundo fenomênico ao ser usado e consumido. O grande usuário e consumidor de objetos é a própria vida, a vida do indivíduo e a vida da sociedade como um todo." (1972, p.260). Os objetos do trabalho não formam sempre um mundo, mas apenas quando transcendem a sua função utilitária, isto é, quando resistem às necessidades vitais humanas, para alçar uma função cultural, isto é, quando sobrevivem às gerações e lhes servem de abrigo para a memória: "decerto qualquer arranjo que os homens façam para proporcionar abrigo e pôr um telhado sobre suas cabeças - mesmo as tendas das tribos nômades - pode servir como um lar sobre a terra para aqueles que estejam vivos na ocasião; isso, porém, de modo algum implica que tais arranjos engendrem um mundo, para não falar de uma cultura. Esse lar terreno somente se torna um mundo no sentido próprio da palavra quando a totalidade das coisas fabricadas é organizada de modo a poder resistir ao processo vital consumidor das pessoas que o habitam, sobrevivendo assim a elas." (1972, p.262-3). O mundo "na medida em que contém coisas tangíveis - livros e pinturas, estátuas, edifícios e música - comprehende e testemunha todo o passado registrado de países, nações e, por fim, da humanidade. Como tais, o único critério não-social e autêntico para o julgamento desses objetos especificamente culturais é a sua permanência relativa e mesmo sua eventual imortalidade. Somente o que durará através dos séculos pode se pretender em última instância um objeto cultural" (1972, pp.254-5). Nem todos os objetos do trabalho se tornarão objetos culturais, isto é, objetos "que toda civilização deixa atrás de si como a quintessência e o testemunho duradouro do espírito que a animou" (1972, p.252), mas é como se, devido às suas qualidades próprias, a durabilidade e a permanência no mundo, eles estivessem sempre destinados sobretudo a se tornar tais. C. Lafer destaca na seguinte passagem a importância em Arendt da sobrevivência do mundo, o artefato humano, para além das gerações: "a afirmação política de um mundo confiável requer que ele não seja erigido por uma geração e planejado apenas para a vida. Deve ter uma permanência e durabilidade, transcendendo, consequentemente, a existência individual dos homens. Este algo de imortal do mundo humano, que nada tem a ver com a eternidade, para Arendt significa a possibilidade de duração, no tempo, de trabalhos, feitos e palavras que resultam da vita activa." (*A Reconstrução dos Direitos Humanos*, p.244).

possibilidade de transcender a morte na direção do futuro. Ora, a atividade que permite justamente ao homem tanto transcender o nascimento na direção do passado, quanto a morte na direção do futuro é precisamente o pensamento.⁶ E importa acrescentar que essa dupla possibilidade de ultrapassar os limites da vida, ou, o que vem a significar o mesmo, a possibilidade de subtrair-se ao tempo presente, é o que mais caracteriza a atividade do pensamento, segundo nossa autora. Vemos então que a função comunicadora das gerações desempenhada pelos objetos do trabalho somente pode se tornar efetiva se houver em contrapartida o exercício da função comunicadora do pensamento.

O principal obstáculo ao inter-relacionamento das gerações é constituído por essa "eterna corrente continuamente fluindo", isto é, por esse incessante movimento a que as gerações humanas estão sujeitas na medida de sua existência natural e biológica. Graças a essa "eterna corrente continuamente fluindo"⁷, a esse tempo peculiar à esfera natural, cada geração se vê restrita a ter por companhia o que é, privando-se da companhia do que não é mais e do que não é ainda. Importa notar aqui que, o tempo presente, o que é, tal como o entende Arendt, não é propriamente o instante, esse segundo em relação ao qual todos os instantes que o precederam é o passado, e os que sucederão o futuro. O tempo presente é propriamente o intervalo de vida de uma geração humana, o período de seu aparecimento no mundo. Somente se converte a "eterna corrente continuamente fluindo" em passado, presente e futuro porque uma geração humana, isto é, um conjunto de homens inteiramente únicos e dotados de nascimento e morte, se situa em determinado momento nela. É, de um lado, por se tratar de seres singulares, dotados de trajetórias únicas e lineares de vida, de outro, por se tratar de "natal and mortal men" que o tempo indiferente pode se transformar em tempo diferenciado.⁸

Não obstante tenha se convertido em tempo diferenciado, essa corrente eternamente fluindo continua a agir sobre as gerações, fazendo com que elas se sucedam e com que cada uma, confinada no presente, se prive da companhia das demais. Apenas se tivessem ao seu alcance um dispositivo que lhes permitisse subtrair-se inteiramente a esse tempo natural, a esse incessante e corrosivo movimento, poderiam comunicar-se e encontrar-se umas com as outras. Tal dispositivo será precisamente o próprio pensamento. E uma das características mais essenciais a essa atividade mental será permitir uma experiência do tempo a partir da qual o inter-relacionamento das gerações pode se efetuar. Vejamos que experiência vem a ser essa.

O pensamento é, para Arendt, em sua natureza mais característica uma retirada do mundo das aparências, e um estar alheio à realidade que os sentidos presentemente oferecem. Os seus objetos são invisíveis e a sua matéria o ausente.⁹ Se perguntarmos

⁶ Para a parte que se segue sobre o pensamento, vide 1992, I, parágrafo 20.

⁷ 1992, p.154.

⁸ "Em outras palavras, o continuum, a mudança incessante é partida nos tempos passado, presente e futuro, de modo que o passado e o futuro só se antagonizam sob a forma do não-mais e do ainda-não em virtude da presença do homem que tem, ele mesmo, uma 'origem', seu nascimento, e um fim, sua morte; e, portanto, encontra-se, em todos os momentos, entre o passado e o futuro; esse intervalo chama-se presente. É a inserção do homem, com seu limitado período de vida, que transforma em tempo, tal como o conhecemos, o fluxo contínuo da pura mudança" (1992, p.153).

⁹ G. Lebrun em seu artigo "Hannah Arendt: um testamento socrático" faz o seguinte comentário acerca das características conferidas por nossa autora à atividade do pensamento: "por querer distinguir 'o pensamento' do conhecimento, e também do sensus communis (na acepção tomista desta palavra: sexto sentido, que coordena os outros cinco, e que nos dá a sensação da realidade), Hannah Arendt acaba descrevendo uma atividade estranha, porque sistematicamente alheia à 'realidade' - uma atividade destinada a representar o invisível, a conjurar as coisas ausentes ('para que eu pense em alguma coisa, é preciso que ela escape a minha presença') (...) O 'pensamento' não pertence ao nosso equipamento

então pela localização no tempo do ego pensante - o homem na medida em que pensa - veremos que ela terá de ser num espaço retirado do próprio tempo, algo como uma "inconspicua trilha de não-tempo traçada pela atividade de pensar no espaço-tempo concedido a homens que nascem e morrem". Uma vez que instala esse "immovable present", esse *nunc stans*¹⁰, o pensamento imediatamente invoca os tempos ausentes do passado e do futuro à presença do espírito. E a imagem que melhor pode retratar essa experiência do tempo vivida pelo ego pensante, nos diz Arendt, é a de um campo de batalha onde digladiam entre si duas forças opostas - o passado e futuro - além de digladiarem também com o próprio ego pensante que entre elas se encontra.¹¹

Essa experiência do tempo que o pensamento põe ao nosso alcance é inteiramente diversa daquela que temos em nossa vida quotidiana. Ali os três segmentos do tempo se sucedem suavemente, ao invés de terem entre si qualquer oposição ou luta. Além disso, ali não há nenhuma ruptura no tempo, nenhum presente imutável. Qual viria a ser então, o significado ou a contribuição dessa experiência do tempo, acessível apenas pelo pensar, para o inter-relacionamento das gerações humanas?

Na medida em que está sujeita ao tempo, cada geração se restringe a ter por companhia o que é, o presente, e, em termos de gerações, se restringe à companhia das poucas que compartilham com ela o mundo durante o intervalo de sua vida, privando-se da companhia do que não é mais, isto é, das gerações que não mais se encontram no mundo, bem como do que não é ainda, isto é, das gerações que ainda virão ao mundo. A atividade do pensamento, ao empreender uma luta contra o tempo, uma verdadeira subversão a suas regras, fazendo com que o que é, não seja - pela subtração ao presente - e com que o que não é mais e o que não é ainda, sejam - pela invocação de sua presença no espírito, opera diretamente em favor do inter-relacionamento das gerações. É apenas porque o pensar neutraliza o tempo, possibilita escapar à sua ação, que as épocas das gerações passadas e futuras não estão perdidas para o presente. É apenas porque essa atividade mental cria um espaço isento da influência do tempo, a "pista discreta de não-tempo", que podem ali comparecer o passado e o futuro, os próprios ausentes quando se está sob ação do tempo. E como comparecerão? Passado e futuro comparecerão ao espaço aberto pelo pensamento em sua verdadeira natureza, como "pure entities", isto é, como forças opostas entre si agindo sobre o presente, que por sua vez se situa entre eles e é ocupado pelo ego pensante.

Uma vez que a geração presente no mundo instala essa região de não-tempo e descobre o passado e o futuro em sua verdadeira natureza, como forças voltadas para ele, agindo sobre ele, pressionando-o cada uma na direção da outra, no centro das quais ela tenta manter seu terreno, o presente, lutando contra elas ao impor-lhes resistência, institui-se o tempo humano no sentido mais pleno da expressão. Um tempo

biológico: da mesma forma que o intelecto de Aristóteles 'vem de fora', e o seu funcionamento não tem praticamente nada a ver com o do corpo. 'Quando penso, não estou onde, de fato, me encontro: não estou rodeado de objetos perceptíveis aos sentidos, mas de imagens, invisíveis para quem quer que não seja eu'. Uma frase de Valéry diz tudo: 'Ora penso ora sou'. Ora penso ora velo. O 'pensamento' então não seria mais que um sonho em torno do ser? Um jogo, que os metafísicos desde Parmênides, se enganariam ao tomar por uma atividade 'científica'" p. 63.

¹⁰ Para essas citações vide 1992, p.156 e 158.

¹¹ "A lacuna entre passado e futuro só se abre na reflexão, cujo tema é aquilo mesmo que está ausente - ou porque já desapareceu ou porque ainda não apareceu. A reflexão traz essas 'regiões' ausentes à presença do espírito; dessa perspectiva, a atividade de pensar pode ser entendida como uma luta contra o próprio tempo. É apenas porque 'ele' pensa, e, portanto, deixa de ser levado pela continuidade da vida quotidiana em um mundo de apariências, que passado e futuro se manifestam como meros entes de tal forma que 'ele' pode tomar consciência de um não-mais que o empurra para frente e de um ainda-não que o empurra para trás" (1992, p.155).

contínuo e estreitamente conectado em suas três partes. Apenas o pensamento pode dar acesso à verdadeira natureza do passado e do futuro, como forças opostas e direcionadas para o presente, pois, na sua imagem quotidiana, o tempo é unidirecional e seqüencial, sem qualquer oposição entre passado e futuro, que se sucedem suavemente e são intermediados pelo presente. Desse modo, se a atividade do trabalho, pela construção de um artefato humano que transmitia a memória de seus construtores, possibilitava a consciência da pluralidade de gerações humanas, a atividade do pensamento, por sua vez, na medida em que permite a experiência do tempo humano, possibilita a consciência da força e do peso que essas gerações exercem umas sobre as outras.

Entretanto, esse tempo humano, tripartido, onde passado e futuro assumem sua forma mais própria de forças a pressionar o presente, nunca se constitui definitivamente, mas está sempre por ser reconstituído. Da mesma maneira, a existência humana em sentido pleno, que se efetiva quando as gerações tomam consciência da sua pluralidade e da sua força mútua, isto é, quando elas se intercomunicam, nunca ocorre definitivamente no mundo. Cabe, pois, a cada nova geração que vem ao mundo e nele compõe o presente, reconstituir o tempo humano e a existência humana plena.¹² Cabe a ela estabelecer comunicação com as demais gerações ao reabrir e repavimentar a "pista discreta de não-tempo" e ao fazer comparecer nela aquelas outras. Por obra de seu pensar, a geração presente ultrapassa os limites de sua vida e ascende a uma eternidade mundana. Mas não é apenas ela que ascende a uma presença eterna no mundo. Também as já mortas e as por nascer podem se fazer permanentemente presentes nele por meio do comparecimento à pista aberta pelo pensar dos homens que habitam o mundo. Pista essa que, à semelhança da esfera ocupada pelo artefato humano, é um espaço onde convivem e coabitam todas as gerações humanas.

Contudo, tanto o artefato humano quanto o pensamento, apenas podem cumprir seu papel de comunicadores das gerações humanas se houver uma tradição a cumprir também esse papel. Cada geração toma emprestado aos objetos do trabalho sua durabilidade, a fim de transmitir às vindouras suas mais preciosas e memoráveis experiências. Para que a transmissão chegue a termo, isto é, para que a memória do passado possa se fazer viva e cultivada pelas gerações vindouras, é necessário, em contrapartida, que estas reconheçam as experiências que lhes são transmitidas como preciosas e memoráveis também para si. É necessário, vale dizer, que as gerações possuam um juízo comum sobre o que, em suas experiências, é valioso e digno de ser salvo do esquecimento. Assim, apenas poderão os objetos do trabalho relacionar as gerações se estas compartilharem um mesmo tesouro comum, ou seja, se compartilharem uma mesma tradição. Por sua vez, o pensamento somente pode efetivar sua função comunicadora, isto é, instalar a "pista discreta de não-tempo" onde comparecem o passado e o futuro como forças a pressionar o presente, se todas as gerações dispuserem de formas de mútua compreensão, ou categorias comuns de pensamento. Enfim, se dispuserem de uma "linguagem" comum articulada por todas, tal como o é uma tradição.

A tradição, numa das imagens pelas quais Arendt a apresenta, é o testamento que acompanha o tesouro legado pelo passado ao futuro. Cabe a um testamento selecionar os bens e valores a transmitir, ainda transmiti-los propriamente aos

¹² "Esse pequeno espaço não-temporal no âmago do tempo, ao contrário do mundo e da cultura em que nascemos, não pode ser herdado nem transmitido pela tradição [...] Cada nova geração, cada novo ser humano, quando se torna consciente de estar inserido entre um passado infinito e um futuro infinito, tem que descobrir e traçar diligentemente, desde o começo, a trilha do pensamento" (1992, p.158).

herdeiros, - ou impedir que se percam por falta de quem os preserve -, e ainda dizer porque se trata de bens e valores. Tais são precisamente as funções que a autora atribui à tradição. Ela seleciona nas experiências vividas por cada geração o de mais valioso a ser preservado. Salva-o da ruína do esquecimento, conferindo-lhe inteligibilidade – isto é, transformando-o em estórias - e transmitindo-o ao futuro. E ainda fornece os critérios ou princípios a partir dos quais o selecionado constitui o de mais valioso. Uma vez que as gerações do presente acolhem, reverenciam, preservam e transmitem às do futuro o tesouro da tradição que as do passado lhes legaram, pode-se dizer que haja uma continuidade deliberada no tempo. Pode-se dizer que haja passado, presente e futuro, ou um tempo humano.¹³ A qualidade comunicadora da tradição é ainda mais visível na outra imagem em que Arendt a apresenta. Ela é o fio¹⁴ a ligar as gerações entre si, porque todas reconhecem e tomam para si um legado comum, o que equivaleria a uma história comum - um mesmo conjunto de experiências significativas, e critérios comuns de julgamento e avaliação das experiências – ou ainda, categorias comuns de pensamento. Em termos materiais, a tradição se compõe de estórias, ou seja, experiências que se transformaram em narrativas, recebendo por esse meio, sentido e inteligibilidade.

Vimos por essas reflexões que na filosofia de Hannah Arendt ocupam posição central, estando intimamente conectados entre si, os conceitos e temas do artefato humano, do mundo e da condição da mundanidade, do inter-relacionamento entre as singulares gerações humanas, da constituição de um tempo efetivamente humano, tripartido em passado, presente e futuro, da consecução de uma existência humana no mundo, do pensamento como comunicador das gerações na medida em que abre o espaço de não tempo no coração do tempo e finalmente, da própria tradição como o tesouro das experiências mais significativas das gerações passadas e o fio a ligá-las entre si. Tais conceitos e temas nem sempre, nos parece, são suficientemente destacados nos estudos arendtianos, se considerarmos sua relevância e, acrescentaríamos, centralidade para se compreender em profundidade o conjunto desse pensamento.

Referências bibliográficas:

- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*, SP, Perspectiva, 1972.
Between past and future, NY, Penguin, 1978.
A vida do espírito, RJ, Relume Dumará, 1992.
The life of the mind, I. Thinking, II. Willing, London, Secker & Warburg, 1978.
- LAFER, Celso. *A reconstrução dos direitos humanos, um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*, SP, Companhia das Letras, 1988.
- LEBRUN, Gérard. Hannah Arendt: um testamento socrático, in LEBRUN, *Passeios ao léu*, SP, Brasiliense, 1983, p.60-66.
- SKHLAR, J. Rethinking the past, *Social research*, spring, 1977, p.80-90.

Recebido para publicação em 07-09-15; aceito em 02-10-15

¹³ "O testamento, dizendo ao herdeiro o que será seu de direito, lega posses do passado para um futuro. Sem testamento ou, resolvendo a metáfora, sem tradição - que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor - parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão-somente a sempiterna mudança do mundo e do ciclo biológico das criaturas que nele vivem" (1972, p.31).

¹⁴ Para a imagem da tradição como um fio vide 1972, p. 41 e 130.